

Estágios profissionais e empregabilidade

Debate Mercado de trabalho E. Viassa Monteiro

Seduz-me a ideia de que uma empresa disponibilize, anualmente, aos recém-licenciados ou jovens com o mínimo de escolaridade obrigatória, estágios remunerados, por um período limitado de tempo, fazendo uso das vantagens previstas para tais situações.

Aceitar estagiários é tomar responsabilidades e desafios. Responsabilidade, de orientar de modo a que aprendam, por via da exigência e com a correspondente satisfação de verem resultados do esforço. E desafios, de ter a organização preparada para integrar e formar no conteúdo do trabalho e no modo correcto de o realizar, com acesso fácil às chefias para quaisquer dúvidas.

Os colaboradores da empresa que têm a cargo os estagiários são como treinadores, que enquadram, explicam, motivam e exigem. Devem ter abertura mental para entender ideias criativas e soluções que os estagiários possam trazer, transmitindo-lhes apreço e entusiasmo. Muitas vezes uma ideia que à primeira vista vale pouco pode ser o germe de um processo inovador importante.

Mesmo as micro, pequenas e médias empresas, que são as geradoras de grande percentagem dos postos de trabalho, deveriam ter interesse nestes estágios temporários, porque estarão a dar um contributo prático na formação dos jovens, inculcando uma disciplina de trabalho, necessária para o seu sucesso. Sem falar nas grandes empresas, mais organizadas e rentáveis (algumas em regime de quase monopólio), que têm, além disso, obrigação de manterem um diálogo intenso com as universidades, para certos tipos de estudos e investigações aplicadas.

Lembro-me que na construção do metro de Nova Deli (cerca de 190 km feitos em duas fases de cinco anos cada), o Indian Institute of Technology, de Deli, esteve envolvido em diversas tarefas de planeamento para que a cidade, feita num grande estaleiro, pudesse continuar a sua vida com a normalidade possível. E saiu um metro magnífico. Cá e lá, tais colaborações dependem de quem dirige o empreendimento, da sua capacidade de pensar nos interesses do país, para além da empresa que gere, agregando capacidades valiosas, muitas vezes ociosas.

Numa empresa norte-americana, no final do período de estágio, cada um apresenta ao presidente uma ou mais ideias que melhorem algo: redução do tempo de montagem ou dos custos, melhoria da qualidade, ideia de um produto novo mais performante, etc. É como um exame de aproveitamento, que tem bons efeitos a



montante, na concentração e esforço que cada um põe em todo o processo de estágio.

Os resultados para a empresa são muitos: ideias novas que entram, significando um passo na modernização, por exemplo, em temas de comunicação ou contacto regular com os clientes; pode ser uma mudança mais substancial, levando a introduzir a informática em processos que lhe estavam vedados, como no controlo da qualidade, nos programas para orçamentação ou acompanhamento das encomendas, etc.

Estagiários de formação mais organizativa e técnica poderão sugerir modos de simplificar processos, automatização de



Os resultados para a empresa são muitos: ideias novas que entram, por exemplo



outros, etc.; a sua juventude pode rejuvenescer toda a empresa. Naturalmente, a empresa que aceitou estagiários, ao ver no final do período o trabalho por eles desenvolvido, porá o problema de contratar alguns, para as suas necessidades. Ao conhecê-los no seu meio ambiente, com o seu estilo cooperativo e empenhado, não haverá tanto risco, nem aleatoriedade

como com um candidato apenas brevemente entrevistado. Os que não são contratados nada têm a estranhar, já o sabiam à entrada. Saem mais preparados para o mundo do trabalho e com o currículo enriquecido. Esta preparação próxima para o mundo do trabalho deveria ser tida como responsabilidade de todas as empresas. Facilita, naturalmente, que haja disposições legais para incentivar este tipo de treino. Bem orientado, só tem vantagens, pois leva a preparar uma mão-de-obra capaz de entrar no ciclo de produção, sem perder o sentido inovador de que todo o processo produtivo se deve alimentar, para continuar a ser competitivo.

**Professor da AESE e autor do livro
 O Despertar da Índia**